

UM DIÁLOGO ENTRE TRADIÇÃO, GLOBALIZAÇÃO, MODA E APROPRIAÇÃO CULTURAL.

Dialogue between tradition, globalization, fashion and cultural appropriation

Farias, Helayny Andreia Barbosa de; Pós-graduanda; Laureat Universidade Salvador; helaynyandrea@gmail.com¹

Sertório, Ruth Goret Ávila Amorim; Especialista; Laureat Universidade Salvador; rgamorimsertorio.2012@gmail.com²

Resumo:

O seguinte trabalho tem como foco principal discorrer até que ponto as apropriações e o uso de determinados aspectos da cultura de grupos ou povos distintos, pela chamada cultura dominante, podem acarretar em novas significações culturais. Atravancando os conceitos de tradição, formação de identidade, globalização, citando algumas contribuições da moda, a apropriação cultural e seus processos de hibridação.

Palavras – chaves: tradição, identidade, globalização, hibridação e moda

Abstract

The following work is mainly focused discuss to what extent the appropriation and use of certain aspects of cultural groups or different people, the so-called dominant culture, can result in new cultural meanings. Cluttering the concepts of tradition, identity formation, globalization, citing some trendy contributions, cultural appropriation and their hybridization processes.

Key - words: tradition, identity, globalization, hybridization and fashion

1. Introdução

O diálogo que será descrito nesse trabalho tem como principal objetivo rever o conceito e as práticas que envolvem a construção da identidade cultural, desde sua origem nas tradições, explanando suas modificações em meio às transformações do mundo contemporâneo, buscando pistas para refletir sobre elas quando o universo cultural criado com a contemporaneidade é insuficiente para sustentar identidades e emergem outros espaços de pertencimento no interior da sociedade marcada pela globalização e pelo hibridação.

O presente artigo busca, também, discutir as formas de conceber e elaborar teoricamente a questão da apropriação, não estritamente ligada ao construto de internalização, mas relacionada principalmente ao problema da

¹ Graduada em Design pela Universidade Federal do Maranhão, Pós-graduanda em moda, artes e contemporaneidade pela Laureate Universidade Salvador/Ba/Brasil. Associada da ABEPEN/Brasil.

² Graduada em Design de Moda, Laureate Unifacs/Ba/Brasil, Pós-graduanda em Moda, Artes e Contemporaneidade, Laureate Universidade Salvador/Ba/Brasil. Especialista em Educação Ambiental pela ISEAC/Brasil. Professora do ensino médio Estadual da Bahia/Brasil. Associada da ABEPEN/Brasil.

significação. Dialogando até que ponto as apropriações e usos de determinados aspectos da cultura de grupos ou povos distintos, pelas chamadas elites ou pela cultura dominante, são prejudiciais para o não reconhecimento, ressignificação e até mesmo a falta de respeito as culturas legítimas de alguns grupos sociais ou étnicos.

Para iniciar esta conversação, adota-se com principais teóricos, Stuart Hall e seu livro *“A identidade cultural na Pós-Modernidade”*, Néstor García Canclíni, com sua obra relatando a trajetória de culturas híbridas entre outros autores. É abordado, também, o envolvimento da moda e suas especificidades contemporâneas, ensaiando algumas interferências para ajudar a compreender esse momento social. Explicando a formação da identidade do indivíduo, para assim compreender como surgem as novas formas de cultura e como elas incorporam novas identidades.

2. Tradição, identidade e tradução

Tradição originalmente tinha como principal definição, de cunho religioso, doutrina ou prática perpetuada de século para século, pelo exemplo ou pela palavra. Mas o sentido se expandiu e passou a significar elementos culturais presentes nos costumes, nas artes, nos fazeres, que são legados do passado, e continuam a ser aceitos e atuantes no presente. É um conjunto de práticas e valores entranhado nos costumes de uma sociedade. (SILVA e SILVA, 2006, p.2)

Ainda segundo Silva e Silva (2006), tradição possui muitos significados, pode estar associada ao conservadorismo e ao resgate de períodos passados classificados como gloriosos, ou pode ser criada para validar novas práticas anunciadas como antigas. Muitas vezes é pensada como imóvel, porém, cada vez mais se percebe seu envolvimento com as mudanças.

As condutas tradicionais são posicionamentos que os indivíduos adotam em sociedade e são levados pelo hábito, pela concepção de que sempre foi assim. Nesse modo de agir, o indivíduo não considera as razões de seu comportamento. Uma percepção comum é a relação feita entre tradição e modernidade. (SILVA e SILVA, 2006, p.1)

As tradições evoluem e se modificam com as novas necessidades de cada sociedade, atuando inclusive para impedir que ela se dissolva. Está atrelada à cultura popular e à construção de identidades. Assim, é um tema produtivo, que abre espaço para discussões variadas. Em especial no Brasil, onde a cultura popular está sendo readquirida de forma mais acentuada e onde também surge um intenso movimento de reconhecimento das tradições.

Existe uma uniformidade sobre a imposição de se resguardar a tradição, pois a identidade tem no passado o seu ambiente de formação. Os valores identitários de cada região estão sendo desfigurados frequentemente, devido aos sistemas de comunicação globalmente interligados, as imagens e influências da mídia e a velocidade de informações. Assim, compreende-se que os traços identitários regionais estão, cada vez mais, sujeitos a interferências externas, proporcionando uma provável deturpação. (JESUS,2010, p.6.)

A relação entre identidade e moda implica na compreensão das mudanças sociais, sendo a moda um elemento essencial na construção da identidade dos indivíduos e dos grupos sociais. Onde, a mesma, dentro de um cenário contemporâneo, talvez a que crie condições mais imediatas de expressão/reconhecimento das identidades.

Segundo Stuart Hall, as velhas identidades, que por tanto tempo deram equilíbrio ao mundo social, estão sofrendo um enfraquecimento, manifestando dessa forma novas identidades e segmentando o indivíduo moderno, até então, visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é observada como etapas de uma fase de extensa mudança, desprendendo as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e impactando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável do mundo social.

As identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais, estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um

“sentido de si” estável é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito– descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos. (HALL, 2006, p. 9)

A expressão das identidades hoje, com suas múltiplas possibilidades, decorrência da reflexividade da vida social, passa, necessariamente, pela forma com que os indivíduos criam seus estilos de vida, a moda incluída. Essas questões não envolvem apenas grupos socialmente mais elevados.

Algumas identidades ainda estão ligadas a tradição, tentando recuperar sua verdadeira significação e resguardar as unidades e convicções que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias, e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que define como tradução. (HALL, 2006, p.87)

No que se refere às identidades, essa variação entre Tradição e Tradução, está se tornando mais perceptível num panorama global. A cada dia surge novas identidades culturais, que não são vigentes, porém estão em transição, em diferentes níveis, que capturam seus recursos de culturas distintas formando um cruzamento complicado de culturas e misturas culturais cada vez mais comum no mundo globalizado. Refletir a identidade, na era da globalização, pode trazer a ideia da mesma como sendo destinada a acabar: ou regressando a suas origens ou desaparecendo através da incorporação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso impasse, pois há uma outra alternativa: a da Tradução.

Na tradução há formação de identidade que percorrem e cruzam as fronteiras naturais, constituída por pessoas que saíram para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm um forte elo com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado, são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem incorporadas por elas e também não perdem totalmente suas identidades.

Construímos uma identidade como narrativa de nós mesmos e para os outros. “Ao praticar esse jogo social – escolher um estilo – o indivíduo satisfaz

uma das necessidades essenciais do ser humano: narrar histórias tanto para si, como para os outros. ” (ERNER, 2005, p.42)

A evolução da moda foi um dos fenômenos cruciais da história mundial, porque sinalizou a diretriz da modernidade: a erradicação de tradições. A modernidade nos tornou independentes de tradição, entretanto nos converteu em escravos de uma nova imposição: o de sermos plenamente modernos. (SVENDSEN, 2010, p.82)

A relação da moda com várias outras esferas culturais, viabilizou aos indivíduos e aos grupos os vestígios para que elaborem sua identidade, que, então, não é mais somente estatutária, mas também “estilística”, não é mais apenas vertical, hierárquica, mas também “horizontal”, ou seja, não hierárquica. (GODART, 2010, p.65)

A evolução da moda se dá no espaço onde as tradições retrocedem. Sua dinâmica feita de mimetismos e distinção esclarece particularmente dois aspectos relevantes na vida social. Em primeiro lugar, existem vários níveis de ação entre o indivíduo e a sociedade e é exatamente nesse espaço intermediário dos níveis de ação que a moda se manifesta. Ao designar as roupas e acessórios, os indivíduos retificam frequentemente sua integração ou sua não integração em certos grupos sociais. Em segundo lugar a moda é relacional, onde cada sujeito pode ter identidades diversificadas, que podem ser públicas ou privadas, formais ou informais e revelam-se quase sempre contraditórias. Essas identidades nunca são unicamente individuais, mas sim coletivas. A moda é uma reprodução permanentemente do social. (GODART, 2010, p.68)

Antes da modernidade o indivíduo tinha uma identidade mais sólida porque ela se fixava numa tradição, porém, hoje fomos libertados em grande medida dessas algemas, e a identidade pessoal tornou-se, portanto, uma questão de manter um estilo de vida. Enquanto uma tradição é legada, um estilo de vida é escolhido.

Ao revelar essas novas identidades e estilos de vida, a moda é um dos produtos da cultura que melhor reflete essas transformações, pois seu caráter

não-verbal e a criação de um quase imediato reconhecimento dessas novas identidades, a transformam em um produto de cultura privilegiado para a construção desse diálogo.

Outro enfoque considerável a respeito da identidade está relacionado ao processo de mudança conhecido como globalização e seu impacto sobre identidade cultural, mas detalhado no tópico seguinte.

3. Globalização e cultura

A partir do momento em que áreas distintas do globo são postas em conversação umas com as outras, todas as extensões do globo são impactadas virtualmente por grandes quantidades de transformação social. Os novos modos de vida, assimilados pela modernidade, nos libertaram de todos os tipos tradicionais de ordem social, tanto em tamanho, quanto em intensidade. As mudanças emaranhadas na modernidade são mais densas do que a maioria das transformações características dos períodos anteriores. Quanto ao tamanho, resultaram para estabelecer modos de interconexão social que cobrem o globo, e em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1991, p.63)

A globalização dá origem a um movimento de deslocamento da ideia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem definido e sua re colocação por uma perspectiva que converge no modo como a vida social está sistematizada ao longo do tempo e do espaço. Alguns teóricos, segundo Stuart Hall (2006), justificam que o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou destruir as configurações nacionais de identidade cultural.

Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações “globais” começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais. [...] uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural descrito por Kenneth Thompson (1992), mas agora numa escala global. (HALL, 2006, pág 73)

A moda que surge e se espalha nas ruas, hoje em grande parte no sentido da periferia para o centro, é fonte de entendimento para essa nova realidade,

transformada pelo processo de globalização e também um fenômeno capaz de fazer compreender as articulações do binômio global/local. (GUIMARÃES, 2008, p.5)

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam oportunidades de “identidades partilhadas”. A medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conserva-las puras ou impedir que as mesmas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. A globalização, à medida que rompe as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso, o que ocasiona a mistura de culturas, resultando em novas. (HALL, 2006, p.34)

Se ao longo de toda a modernidade as identidades estiveram preservadas no núcleo das diversas culturas nacionais, com a fortalecimento do mundo global estão sendo questionadas e movimentadas em busca de novas. Isso se deve ao fato de que os discursos dentro dos quais eram estruturadas agora encontram-se indefinidas pelos fluxos globais, sendo insuficientes àquela finalidade.

A globalização não só ameaçou a habilidade do Estado Nação em demarcar e restringir os processos culturais ao seu interior, como também estendeu largamente as trocas simbólicas e as redes de construção de significado dentro das quais as identidades se sustentam. Com isso, aquela que era a estrutura predominante da identidade cultural durante toda a modernidade, a nacional, entrou em uma forte crise de significação, o que tem transformado certamente as percepções dessa questão. (GIOIELLIN, 2004, p.12)

A consolidação de identidades locais, perante a globalização, pode ser observada diante da forma defensiva como agem os membros dos grupos étnicos predominantes que se consideram intimidados pela presença de outras culturas.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mas as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2006, p.75)

As culturas veem se modificando ao longo dos tempos devido a união ou até mesmo a influência de outras culturas e da própria interferência do homem, tentar privar o uso de elementos da mesma, talvez seria uma forma de modificar o ritmo natural da evolução das culturas, pois é através da união entre elas que se definem novas culturas.

4. Apropriação e hibridação

A palavra apropriação refere-se a meios de tornar próprio, de tornar seu, também de, tornar adequado e significativo aos valores e normas socialmente estabelecidos. Mas há ainda outro significado, relacionado à noção elaborada por Marx e Engels, na qual o tornar próprio inclui “fazer e usar instrumentos” numa transformação mútua de sujeitos e objetos, criando formas peculiares de produzir. Como é enfatizado por esses autores, “a apropriação nada mais é que o aperfeiçoamento das práticas individuais fazendo uma relação com os instrumentos materiais de criação” (MARX E ENGELS, 1984, p.105)

É costumeiro, no momento atual, particularmente em veículos de comunicação como; sites e redes sociais, debates direcionados para temas que tratam das relações étnico-raciais e de gênero, problematizando a questão da apropriação cultural, discutindo até que ponto as apropriações e o emprego de alguns aspectos da cultura de grupos ou povos diferentes, pelas denominadas elites ou pela cultura dominante são prejudiciais para o não-reconhecimento, ressignificação e até mesmo falta de respeito às culturas legítimas de alguns grupos sociais e étnicos. O termo, definido pela antropologia, procura explicar o ato de adotar hábitos, objetos ou comportamentos específicos de uma cultura, por pessoas e grupos culturais diferentes. Também é percebido como forma de resistência e estratégias perante a imposição cultural dominante, principalmente no que se refere ao consumo cultural.

É possível observar, alguns formadores de opinião como: artistas, escritores e jornalistas, entre outros, criticando a forma como os indivíduos adotam certas posturas, comportamentos, expressões e performances que são originárias de outras culturas.

Em compensação, esse tipo de colocação, é criticado por alguns, onde os mesmos acreditam que aqueles que não aceitam a apropriação cultural indevida, proporcionam um regresso e expõe um pensamento conservador, ao estabelecer que uma determinada prática cultural só deve ser adotada pelo grupo que a originou. E assim surgem discussões muitas vezes intermináveis sobre os prós e contras a respeito da apropriação cultural.

A preocupação em suscitar essa questão está em tentar entender como esse debate em torno da apropriação cultural, que está em evidência nas redes sociais e mídias eletrônicas, o discurso sobre o que é ou não inerente à nossa cultura.

O aparecimento de expressões, comportamentos, vestimentas e músicas que surgem em lugares onde até pouco tempo eram menosprezados, são tratados com suspeita pelos grupos que sempre buscaram reconhecimento político e a diminuição das desigualdades sociais, e que apontam que sua cultura é a forma de combater a intolerância e a criminalidade. Por isso as críticas contrárias a apropriação não são apenas pela apropriação cultural em si é o reflexo de algo mais intenso que está no centro da problemática da falta de respeito a religiões e das desigualdades sociais, que já rendeu muitos debates dentro e fora da academia e que, dada sua dificuldade de compreensão, também não se finda. Tomando como exemplo o uso do turbante: não é o ato de usar turbante que provoca, mas o fato de usar o turbante sem ter discernimento de que para muitas comunidades o significado do turbante se mostra além de um símbolo estético, detendo um valor simbólico no contexto da religiosidade, de crença ou de posição social no interior dessas comunidades.

Esses grupos procuram conservar o uso e a propagação dessa cultura preservando seus princípios, que a caracteriza em sua tradução, sua funcionalidade e seus símbolos.

É importante que se indague e que não se anule o fato de grupos dominantes se apropriarem da cultura dos grupos menos dominantes, assim como, o oposto, os grupos menos dominantes que obrigatoriamente estão dentro do conjunto e que consentiram que sua cultura sofresse a partir de outros

elementos culturais que não aqueles descobertos em suas culturas de origem e que também teve que se incorporar a uma lógica de consumo e práticas como forma de contrastar ou se de legitimarem dentro dessas esferas.

Dessa forma, a indagação não se restringe apenas a quem pode ou não fazer o uso de determinada prática cultural. A reflexão também transita pela circunstância de que os grupos culturais devem se perceber dentro desse aglomerado e que, mesmo sustentando suas práticas culturais com toda a carga simbólica e representativa, alimentada pela emoção e pelos sentimentos de pertencimento e legitimação de sua cultura, ainda assim a cultura popular se torna um produto cultural e que, dentro da lógica do capital, provavelmente não fugirá de ser limitado dentro das lógicas de valor de mercado e de consumo.

Para argumentar sobre apropriação cultural, deve-se ter em mente a abrangência do termo, e sua crítica não pode se dar de forma desconectada de sua historicidade e de sua complexa rede de solidariedade e sociabilidades.

Os antropólogos têm estudado o processo de apropriação cultural, como parte da mudança de uma cultura, gerando o contato entre diferentes culturas. Esse contato entre diferentes culturas e seu reajustamento conduziram a novas formas e expressões fazendo-se entender que, no âmbito da cultura, não há formas puras, não da forma como poderíamos encontrar em seus locais de origem. As culturas puras são carregadas de simbolismos e representações que construíram e estão em constante diálogo com outras culturas existentes no país, cujas experiências certamente se diferem.

Com a globalização planetária e o choque de culturas, não há mais como evitar processos de hibridização, conhecido como o fenômeno do hibridismo cultural, que tomando pelo lado negativo, pode provocar a “perda de tradições regionais e de raízes locais”, já pelo lado positivo, como sinônimo de encontro cultural, encorajando a criatividade e apresentando-se como inovador.

[...]enquanto o conceito propriamente dito de hibridismo é, para dizer o mínimo, “ambíguo” e “escorregadio”, à medida que “evoca o observador externo que estuda a cultura como se ela fosse a Natureza e os produtos de indivíduos e grupos como se fossem espécimens botânicos”. (BURKE, 2003, p. 55)

A hibridização diz respeito a forma pelo qual modos culturais ou partes desses modos se desprendem de seus locais de origem e se agrupam com outros modos ou partes de modos de outra origem, originando novas práticas.

[...] A hibridização não é mero fenômeno de superfície que consiste na mesclagem, por mútua exposição, de modos culturais distintos ou antagônicos. Produz-se de fato, primordialmente, em sua expressão radical, graças à mediação de elementos híbridos (orientados ao mesmo tempo para o racional e o afetivo, o lógico e o alógico, o eidético e o biótipo, o latente e o patente) que, por transdução, constituem os novos sentidos num processo dinâmico e continuado. (COELHO, 1997, p. 125-126).

Canclini (2015) é pioneiro ao pensar o conceito de hibridismo cultural sob um viés político que se estabelece por meio de interações entre as culturas de elite e indígena. Para o autor, o processo de hibridização garantiria a sobrevivência da cultura indígena e levaria a um processo de modernização da cultura de elite. O hibridismo cultural, traz consigo a ruptura da ideia de pureza, sendo uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas.

Decerto, a expansão urbana é uma das causas que acentuaram a hibridização cultural.

As culturas latino-americanas, no começo do século tinham apenas 10% da sua população nos centros urbanos e agora concentram de 60 a 70%, passaram de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. (CANCLINI, 2015, p. 285)

A moda contemporânea reflete de maneira intrigante esse hibridismo por meio da mistura de elementos, tecidos, materiais, texturas e formas diferentes que se unem para prover uma nova identidade a uma peça ou a um conceito já existente. Com isso, se dá mais autonomia de criação na hora de criar um o estilo pessoal, onde pode-se ousar na mistura de elementos que antes se delimitavam a pequenas tribos urbanas. Dentro da cultura híbrida podemos fundi-los formando assim um novo arranjo que constitui uma nova identidade personalizada, constituindo assim uma nova cultura.

A apropriação da cultura na moda já existe há muito tempo atrás, e na década de 1960 esta influência se torna mais evidente. E logo então, após o

surgimento do movimento Pop Art e a década de 60 diversos estilistas e designer adotaram parte das características do movimento como fonte inspiração para as suas criações.

5. Considerações finais

Um estilista, um pintor, um designer e até mesmo um compositor, só criam as suas obras usando algo que influenciem, inspirem ou então se apropriam de outros discursos para construir seu repertório e assim elaborar seus projetos. As coisas não são criadas do nada, parte sempre da pesquisa e do olhar ao redor de si, buscando referências. Todo projeto parte de um conceito, algo que explique com clareza aquilo planejado e revele pistas da criação em processo.

Uma cultura não é estática e está em constante movimento, gerando novas culturas, de novas identidades, mesmo que com ritmos diferentes e em diferentes lugares, e a moda acompanha essa renovação de maneira praticamente simultânea. Isso acontece porque a indumentária e os acessórios que a compõe, são, visivelmente, os primeiros elementos de uma cultura material que recebem a influência das mudanças ocorridas dentro das mais variadas culturas

Mas, se por híbrido queremos nos referir a um processo de ressimbolização em que a memória dos objetos se conserva e em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos culturais que correspondem a tentativas de tradução ou de inscrição subversiva da cultura de origem em uma outra cultura, então estamos diante de um processo fertilizador. (BERND, 2004, p. 100-101).

Benjamim Abdala Júnior, em “Um ensaio de abertura: mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismos”, também chama a atenção para os perigos de o termo aparecer associado ao lado capitalista:

O conceito de hibridismo, em termos dessas articulações do capitalismo planetário, favorece a disseminação das mais variadas possibilidades de consumo. Essa noção teórica dá base à produção, no caldeirão das formas da cultura, inclusive cultura material, de possibilidades abertas de criação de produtos e a uma adequada criação de expectativas de consumo. Nesse sentido, a concepção interessa à “cultura do dinheiro”, que é supranacional, embora baseada

na hegemonia e no território norteamericanos. (ABDALA JR., 2004, p. 18).

Não é à toa que grupos ativistas que defendem movimentos contrário a apropriação, tratem à herança cultural como o mais importante emblema de distinção entre os demais grupos étnicos e se torna arma política essencial, compondo estratégias de afirmação social e identitária, buscando nas raízes tradicionais da cultura de seu povo a base distintiva que define sua posição frente às culturas hegemônicas. Por isso, para muitos grupos que utilizam elementos culturais inapropriadamente não só descaracterizam o simbolismo e a representatividade dessa cultura como tirar desses grupos a autenticidade das práticas e do envolvimento político atrelado a elas.

Mas também precisam dentro da lógica ocidental, se perceberem dentro desse sistema e usufruindo de suas prerrogativas, ainda que estrategicamente e de forma diferenciada dos demais grupos. Por isso os cuidados às críticas sobre a apropriação devem sofrer maior reflexão e amplitude, dentro da dimensão do capital em que ela está inserida.

“(…)como a cultura popular tem se tornado historicamente a forma dominante da cultura global, ela é, então, simultaneamente, a cena, por excelência, da mercantilização, das indústrias onde a cultura penetra diretamente nos circuitos de uma tecnologia dominante – os circuitos do poder e do capital. Ela é o espaço de homogeneização em que os estereótipos e as fórmulas processam sem compaixão o material e as experiências que ela traz para dentro de sua rede, espaço em que o controle sobre narrativas e representações parra para as mãos das burocracias culturais estabelecidas. Às vezes até sem resistência. Ela está enraizada na experiência popular e, ao mesmo tempo, disponível para expropriação. (HALL, 2006, p. 379)

Portanto o artigo discorrido trouxe uma reflexão a respeito da apropriação de culturas e suas modificações no contexto contemporâneo, os processos de hibridação como forma de criar novas culturas, buscando expor todos os elementos que compõe esse contexto.

Referências

BERND, Z. O elogio da criouliidade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In: ABDALA JR., Benjamin (Org.). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

BURKE, P. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.

CANCLÍNI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Editora da Universidade de São Paulo. 4ª ed. São Paulo-SP. 2015.

COELHO, T. Culturas híbridas. In: Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Fapesp; Iluminuras, 1997.

CULTURA E MEMÓRIA. In: VI encontro de estudos multidisciplinares em cultura. 1. Universidade Federal da Bahia, 25 a 27 de maio de 2010. Salvador – Bahia.

ERNER, G. Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIOIELLI, R. L.P. Pistas para entender a identidade cultural no contexto da globalização. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - Trabalho apresentado ao NP 13 – Comunicação e Cultura das Minorias, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

GUIMARÃES, M.E.A. Moda, cultura e identidades. IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Universidade Federal da Bahia, 28 a 30 de maio de 2008. Salvador- Bahia

GODART, F. Sociologia da moda. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10ª edição. Editora DP&A

LACERDA, L. R. Apropriação, Moda e Arte: Alinhavando conceito. 9º Colóquio de moda 2013.

MARX, K. e ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Hucitec, 1984.

PINHEIRO, L. B. M. Negritude, apropriação cultural e a “crise conceitual” das identidades na modernidade. Universidade do Estado de Santa Catarina - XXVIII Simpósio Nacional de História – Florianópolis – SC -27-31 de julho 2015.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

SMOLKA, A. L. B.; O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais Cadernos Cedes, ano XX, nº 50, Abril/00

SVENDSEN, Lars. Moda uma filosofia. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.